

ENTRE O SILÊNCIO E A ESCRITA: A INFLUÊNCIA DA EXPRESSÃO ORAL NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Isis Lorena dos Santos Silva¹

RESUMO

Este estudo, de natureza qualitativa, apresenta um relato de experiência com análise reflexiva desenvolvido a partir da atuação em atendimento pedagógico domiciliar com três crianças da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sendo uma de cinco anos, uma de oito anos e uma de nove anos, acompanhadas individualmente por seis meses. O objetivo foi analisar como fatores emocionais decorrentes de experiências escolares negativas influenciam a inibição da expressão oral e o processo de alfabetização de crianças com dificuldades e/ou transtornos de aprendizagem. A produção dos dados ocorreu por meio de observação pedagógica, registros de acompanhamento e análise das produções escolares. Os resultados indicam que práticas pedagógicas rígidas, correções punitivas e experiências de exposição ao ridículo contribuíram para o desenvolvimento de comportamentos de silenciamento, medo de errar e insegurança, interferindo diretamente na oralidade e, consequentemente, na apropriação da leitura e da escrita. Observou-se que a construção de um ambiente acolhedor, com valorização da fala, do erro e das tentativas, favoreceu maior participação, envolvimento e avanços no processo de alfabetização. Conclui-se que a dimensão emocional é indissociável da aprendizagem, sendo fundamental a adoção de práticas pedagógicas sensíveis e inclusivas que reconheçam a oralidade como elemento central na construção da linguagem escrita.

Palavras-chave: Alfabetização; Oralidade; Dimensão emocional; Educação inclusiva; Dificuldades de aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Segundo Soares (2004), a “alfabetização – entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita – distingue-se de letramento – entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais”. Nesse processo, a oralidade desempenha papel central, uma vez que a linguagem oral precede e sustenta a construção da linguagem escrita.

Para que a criança desenvolva a leitura e escrita faz-se necessário que ela consiga desenvolver um entendimento da língua que está inserida e contribuir de maneira crítica com a sua comunidade (Borges; Reis; Silva; Barboza, 2022). Logo, crianças que apresentam dificuldades de expressão oral tendem a enfrentar maiores obstáculos na apropriação da leitura e da escrita, especialmente quando tais dificuldades estão associadas a sentimentos de insegurança e medo de errar.

No contexto da educação inclusiva, entende-se que o professor deve construir o conhecimento junto com seus alunos, compreendendo as dificuldades e potencialidades, realizando práticas pedagógicas inclusivas pautadas na cooperação e na valorização da diversidade de interpretações presentes no contexto educacional (Mantoan, 2003).

Entretanto, observa-se experiências escolares marcadas por práticas pedagógicas rígidas, pouco sensíveis ou excessivamente tradicionais que produzem medo, insegurança e

¹ Licenciada em Pedagogia (FIBRA), especialista em Neurociência e Educação (FAMEESP) e bolsista integral da pós-graduação lato sensu em Psicopedagogia Clínica e Institucional (FIBRA); Professora no Shalom Apoio Pedagógico; lorenasilvaidss@gmail.com

inibição, levando muitas crianças, sobretudo aquelas com dificuldades ou possíveis transtornos de aprendizagem, a desenvolverem comportamentos de silenciamento diante das situações de aprendizagem.

Esse silenciamento, caracterizado pela recusa em falar, pelo medo de se expor e pela evitação do erro, compromete diretamente o processo de alfabetização, uma vez que limita a participação da criança e enfraquece a relação entre oralidade e escrita. Diante desse cenário, este trabalho apresenta reflexões a partir da prática pedagógica em atendimento domiciliar com alunos do jardim 2, 3º e 4º ano do Ensino Fundamental, buscando compreender como experiências emocionais negativas no contexto escolar contribuem para o silenciamento da criança e para o agravamento das dificuldades no processo de alfabetização.

Assim, o objetivo geral do estudo é analisar como fatores emocionais decorrentes de experiências escolares negativas influenciam a inibição da expressão oral e o processo de alfabetização de crianças com dificuldades ou possíveis transtornos de aprendizagem, bem como refletir sobre a importância de práticas pedagógicas mais acolhedoras e sensíveis às dimensões emocionais do aprender.

METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo relato de experiência com análise reflexiva, desenvolvida a partir da atuação como professora particular em atendimento pedagógico domiciliar. Participaram do acompanhamento três alunos um do jardim 2, e duas do 3º e 4º ano do Ensino Fundamental, sendo uma de 5 anos (sexo masculino), uma de 8 anos (sexo masculino) e uma criança de 9 anos (sexo feminino), respectivamente, atendidos individualmente ao longo de aproximadamente seis meses. Entre os participantes, dois apresentavam dificuldades significativas na fala e na escrita, e um apresentava apraxia de fala, não havendo, até o momento, diagnóstico formal para os demais.

A produção dos dados ocorreu por meio de observação pedagógica sistemática, registros de acompanhamento e análise das produções escolares dos alunos ao longo do processo de intervenção. A análise concentrou-se nos comportamentos relacionados à expressão oral, às reações diante do erro, às manifestações de insegurança e às possíveis relações entre essas atitudes e as experiências escolares anteriores, bem como em suas repercussões no processo de alfabetização.

DISCUSSÕES

No processo de alfabetização, as crianças elaboram hipóteses sobre a leitura e a escrita, de modo que o erro passa a ser compreendido não como simples falha, mas como parte do esforço do aluno para construir a compreensão desse fenômeno (Tavares, 2024). Portanto, faz-se necessário que o professor reflita continuamente sobre suas práticas e sobre a forma como lida com o erro durante as atividades pedagógicas, especialmente em contextos que envolvem crianças com dificuldades de aprendizagem.

Durante a vivência, observou-se que os alunos que apresentavam maiores dificuldades na escrita também demonstravam acentuada inibição da fala, evitando responder perguntas, participar de diálogos ou se expressar espontaneamente durante as atividades pedagógicas. No início do acompanhamento, era frequente a recusa em falar, o apagamento repetido das produções escritas e respostas restritas a expressões como “não sei”, sem sequer tentar realizar as atividades, especialmente nos alunos de 8 e 9 anos. No caso da criança de 5 anos, observou-se ainda a ocorrência de choro diante do erro, indicando forte sofrimento emocional associado às situações de aprendizagem.

A partir das observações e dos relatos trazidos pelas próprias crianças e por seus responsáveis, foi possível identificar que essas dificuldades estavam frequentemente associadas a experiências escolares anteriores marcadas por práticas pedagógicas rígidas, correções

punitivas, pouca escuta e desvalorização das tentativas dos alunos. Todos os participantes relataram episódios em que colegas riram de sua fala, o que parece ter contribuído para a construção de uma relação negativa com a própria expressão e para o desenvolvimento do medo de se expor, reforçando comportamentos de silenciamento no contexto escolar.

Esse silenciamento mostrou-se especialmente prejudicial em crianças com dificuldades ou possíveis transtornos de aprendizagem, uma vez que, além dos desafios cognitivos, passaram a enfrentar também bloqueios emocionais que interferiam diretamente no envolvimento com as atividades de leitura e escrita. A oralidade, que poderia funcionar como suporte para a organização do pensamento e para a construção da linguagem escrita, encontrava-se comprometida pelo medo e pela insegurança, conforme discutem Chraim e Pedralli (2023) ao destacarem a importância da oralidade no processo de alfabetização.

Ao longo do acompanhamento pedagógico, buscou-se a construção de um ambiente mais acolhedor, no qual o erro foi compreendido como parte do processo de aprendizagem e a fala da criança passou a ser valorizada. Para isso, priorizaram-se atividades lúdicas, brincadeiras, leituras de interesse dos alunos, tentativas constantes de diálogo e propostas de escrita mediada, favorecendo a participação e reduzindo a pressão associada ao desempenho. O erro passou a ser ressignificado como algo comum a quem ainda está aprendendo, e não como motivo de punição ou constrangimento.

À medida que os alunos se sentiram emocionalmente mais seguros, observou-se maior participação oral, menor evitação das atividades e maior envolvimento com as propostas de leitura e escrita, evidenciando a estreita relação entre aspectos emocionais e o processo de alfabetização. Esses achados dialogam com Tavares (2024), ao indicar que o medo do erro pode atuar como fator inibidor da aprendizagem, e reforçam a necessidade de práticas pedagógicas mais sensíveis às dimensões emocionais do aprender, especialmente no contexto da educação inclusiva (Mantoan, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aponta que experiências emocionais negativas no contexto escolar, especialmente aquelas relacionadas a práticas pedagógicas rígidas e pouco sensíveis, podem contribuir significativamente para o silenciamento de crianças com dificuldades ou possíveis transtornos de aprendizagem, agravando os desafios no processo de alfabetização. Os resultados observados indicam que os bloqueios emocionais interferem diretamente na expressão oral e, consequentemente, na apropriação da leitura e da escrita.

Dessa forma, considera-se fundamental que a prática pedagógica reconheça a criança como sujeito emocional, para além de suas dificuldades cognitivas, promovendo um ambiente seguro, acolhedor e respeitoso, no qual a fala, o erro e a tentativa sejam compreendidos como partes constitutivas do processo de aprendizagem. O relato também reforça a importância de uma reflexão constante sobre a prática docente, especialmente em uma fase tão sensível como a alfabetização, na qual experiências negativas podem deixar marcas profundas no percurso escolar da criança.

Espera-se que este trabalho contribua para o debate sobre a necessidade de uma alfabetização mais humana, inclusiva e sensível às singularidades dos alunos, destacando a oralidade como elemento central no processo de construção da linguagem escrita e a dimensão emocional como componente indissociável da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BORGES, Emanuelle G.; REIS, Fernanda M.; SILVA, Nayara M. da; BARBOZA, Juliana Lima. **Alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental: uma revisão bibliográfica**. 2022. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp->

content/uploads/2022/05/alfabetizacao-e-letramento-nos-anos-iniciais-do-ensino-fundamental-uma-revisao-bibliografica.pdf. Acesso em: 4 fev. 2026.

CHRAIM, A. M.; PEDRALLI, R.. A oralidade no processo de alfabetização: o debate (sempre e de novo) sobre como fazer convergir prática pedagógica e projeto formativo humanizador. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 39, n. 2, p. 202339253656, 2023.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos**. Porto Alegre, 2004.

TAVARES, M. “O QUE EU TENHO MAIS MEDO É DE ERRAR NA PROVA. PORQUE SE EU ERRAR EU REPROVO DE ANO”: Percepções e medos dos estudantes sobras as avaliações em uma turma de alfabetização. **Educação Básica Revista**, [S. I], v. 9, n. 1,p. 181-194. 2024. Disponível em <https://educacaobasicarevista.com.br/index.php/ebr/article/view/134>. Acesso em: 4 fev 2026.